

Fénelon Rebelia e polêmica no século 17

hmp

universo Espírita

www.universoespirita.com.br

Ciência, Filosofia e Religião

E MAIS
Carlos de Brito
Imbassahy • Camille
Flammarion • Maria,
a mãe do filho
de Deus • Wladimyr
Sanchez • Sexualidade

SAIBA TUDO SOBRE O

COSMO

ASTROFÍSICA ESPÍRITA

Universos paralelos • Big Bang
Buracos-negros • Novas estrelas
Espíritos e o tempo • Relatividade
Teoria das supercordas

Por que a
NASA não
encontrou
vida em

MARTE

MEDIUNIDADE

A transcomunicação
comprova o diálogo
com os espíritos por
meios eletrônicos

DOGMA

A fé cega
não enfrenta
a razão



FEVEREIRO • Nº 08 • R\$ 6,50



Transcomunicação: diálogo entre os dois planos

O desenvolvimento tecnológico possibilita o registro da comunicação extrafísica, alcançando amplitudes nos campos científicos e, principalmente, na história da Humanidade

Por Paulo Henrique de Figueiredo

A questão do papel do médium nos fenômenos da transcomunicação foi mais de uma vez controvertida. E não é de hoje. A dúvida foi debatida logo após o surgimento da ciência espírita. Em 1859, na *Revista Espírita*, Allan Kardec deu sua opinião quanto a uma teoria, desenvolvida numa série de artigos publicados no jornal *Moniteur de La Toilette*, do senhor Basseur. Este acreditava na comunicação entre os espíritos e os homens diretamente por meio de um intermediário inerte, um instrumento qualquer, sendo a participação do médium desnecessária. O Codificador enfatizou sua posição: "Não, não basta que o invisível tenha à sua disposição um instrumento qualquer para se manifestar, porque ele necessita do concurso fluídico de uma pessoa, e é essa pessoa que, para nós, é o verdadeiro médium. Se bastasse ao espírito ter à sua disposição um instrumento qualquer, ver-se-iam cestas ou pranchetas escreverem sozinhas, o que jamais se viu". A participação dos médiuns nos fenômenos tem sido bastante debatida, não só no meio espírita como em outras áreas científicas. Segundo o Espiritismo, essa participação ocorre por meio da afinidade das emanções fluídicas de seu perispírito com as do espírito comunicante. Apenas os médiuns videntes e os espíritos desencarnados podem

observar as energias envolvidas com os fenômenos mediúnicos. A ciência atual não tem instrumentos capazes de percebê-las. Portanto, está impedida de se pronunciar quanto à participação ativa do médium, tanto para negá-la ou mesmo para afirmá-la. "A ciência, propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e qualquer que seja o seu julgamento, favorável ou não, nenhum peso poderá ter" (*O livro dos Espíritos*). Mas, de modo algum, isso afasta as ciências exatas da ciência espírita. A transcomunicação, por exemplo, necessita da união das duas para compreender o fenômeno em toda sua integridade. "O Espiritismo e a ciência se completam reciprocamente; a ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a ciência, faltariam apoio e comprovação" (A Gênese).

AMETODOLOGIA CIENTÍFICA ESPIRITA

Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências, aplicando o método experimental. Sabemos que Kardec não dava opiniões baseadas em conclusões pessoais ou sistemas. Os princípios da doutrina espírita foram expostos, estabelecidos, fixados por numerosos documentos que emanavam das



[OS PRIMEIROS PASSOS]



Sentado: o inventor do Spiricom, George Meek, à sua frente a versão da máquina que trouxe resultados satisfatórios. Em pé, o engenheiro e físico Ernest Senkowsk.

O termo transcomunicação é um neologismo das palavras transcendente e comunicação. A transcomunicação instrumental se refere à comunicação com os espíritos por meio de aparelhos eletrônicos. Existe a hipótese de que a palavra transcomunicação tenha sido instaurada pelo físico alemão Ernest Senkowsk para diferenciar o fenômeno da comunicação mediúnic.

O fascínio exercido pela transcomunicação instrumental, TCI, é proporcional às discussões que provoca. Afinal, disponibilizar registros de vozes de espíritos desencarnados, para a posterior investigação das gravações por cientistas, pode ser um dos caminhos mais curtos para uma revolução nos atuais paradigmas da ciência convencional. É errado pensar, porém, que o conceito de transcomunicação e a ciência estão de lados opostos. A história registra inúmeros casos de pesquisadores que se empenharam em desenvolver equipamentos capazes de provar a sobrevivência da consciência após o desencarne. O que se entende por transcomunicação instrumental, isto é, comunicação extrafísica por meio de aparelhos, teve no fazendeiro norte-americano Jonathan Koons, um de seus pioneiros. Foi ele que desenvolveu, em meados do século 19, um dos primeiros tipos de bateria, a magnética. Já o Padre gaúcho Roberto Landell de Moura, nascido em 1861, contribuiu decisivamente para a transcomunicação. Sendo considerado um dos maiores cientistas brasileiros de todos os tempos Landell desenvolveu, entre outros inventos, o primeiro aparelho que possibilitava a transmissão da voz humana por meio da irradiação de onda eletromagnética. Essa invenção, conhecida como rádio, foi testada com sucesso em público antes dessa descoberta ser creditada ao italiano Guglielmo Marconi. Graças aos depoimentos de pessoas próximas ao Padre Landell, existem indícios que ele também tenha sido dos primeiros transcomunicadores. Em 1911, o holandês Zaalberg Van Zelst, com o auxílio de seu amigo Matla, desenvolveu o Dinamistógrafo, seguindo orientações de espíritos. O invento tinha como objetivo permitir a comunicação com as dimensões extrafísicas, utilizando o código morse. Posteriormente, os dois amigos publicaram o livro *Mistérios da Morte*, onde relataram o desenvolvimento de suas pesquisas com o aparelho.

OS PRIMEIROS REGISTROS EM FITAS MAGNÉTICAS

Em 1920, o consagrado inventor Thomas Edson provocou polêmica ao declarar para a revista científica americana *Scientific American*, que acreditava ser possível desenvolver um aparelho capaz de colocar o nosso mundo em contato com o dos mortos. Ainda naquela década, o carioca Oscar D'Argonell foi pioneiro na transcomunicação pelo telefone. Com a ajuda de seu sobrinho, dotado de mediunidade, D'Argonell manteve contato com espíritos desencarnados durante oito anos. Sobre esses contatos publicou em

1925 o livro *Vozes do Além pelo Telefone*. Nos anos 50, o californiano Attila von Szalay divulgou, no boletim da American Association of Psychical Research, o resultado de várias gravações feitas durante sessões mediúnicas. Em 1960, Friedrich Jüngenson foi apontado como um dos primeiros pesquisadores a registrar em fitas magnéticas vozes de espíritos. O interessante é que o sueco acabou gravando as vozes acidentalmente quando tentava captar o som dos pássaros, hobby ao qual se dedicava. Outro pesquisador que realizou trabalhos de destaque naquela época foi o psicólogo italiano Konstantin Raudive. Inclusive, ele teve amostras de suas gravações analisadas por membros da Universidade de Freiburg e do Instituto Max Planck, ambos da Alemanha. Sobre o resultados da análise, o eminente parapsicólogo Hans Bender declarou: "Um exame aprofundado realizado em maio de 1970, com material, permite considerar como altamente provável a hipótese de uma origem paranormal dos fenômenos das vozes".

SPIRICOM

O norte americano George Meek desenvolveu dez versões dos aparelhos Mark, também conhecidos como Spiricom, que se utilizando de altas frequências poderiam permitir a comunicação com outras dimensões. Na verdade, os únicos resultados satisfatórios foram obtidos com a terceira e quarta versões do aparelho por volta de 1978. Pela primeira vez na história foi registrada a conversa entre um médium e um desencarnado. Era o caso Willian O'Neil e um espírito conhecido como doutor Müller. No início da década de 80, o médium alemão Klaus Schreiber foi um dos pioneiros em captar imagens do além. A mais célebre delas foi a imagem do físico Albert Einstein. Hoje existem associações de transcomunicadores no mundo, como a *American Association Eletronic Voice Phenomenon*, AAEVP, fundada por Sarah Estep. Nos anos 70, ela iniciou seu trabalho com o fenômeno ao registrar vozes em um gravador de rolo. No Brasil, o recém-desencarnado engenheiro civil Hernani Guimarães Andrade foi um dos pesquisadores da TCI, tendo sido um dos pioneiros na tentativa de contatos com outras dimensões ainda naquela década. Atualmente, a Associação Nacional de Transcomunicação conta com cerca de mil associados e tem na pesquisadora Sônia Rinaldi um dos nomes mais importantes da transcomunicação. (Fernando Savaglia)

[A INFLUÊNCIA DO MÉDIUM NOS FENÔMENOS]

A transcomunicação poderá ser, incontestavelmente, uma vantagem para a democratização do acesso às evidências do fenômeno mediúnicos. E assim fortalecer as convicções pela observação direta dos fatos produzidos por meio dos equipamentos. Todavia, a ciência espírita evidencia uma série de condições necessárias para garantir a qualidade do conteúdo. Entre elas, o papel ativo da personalidade do médium e também dos assistentes. As experiências da transcomunicação exigem paciência e persistência. Devido à intermediação do fenômeno por um médium, e da participação ativa da audiência presente, diversos fatores influenciam os resultados, ocasionados pelo que podemos chamar de fisiologia espírita. São fatores que podem dificultar ou até mesmo impossibilitar o sucesso da experiência. A questão moral também determina que tipo de espíritos vão se comunicar. Um pesquisador de má índole, por exemplo, atrairá espíritos semelhantes. O *Livro dos Médiuns* é um importante manual para

auxiliar os pesquisadores da transcomunicação. Relacionamos a seguir algumas possíveis causas de insucesso baseados na doutrina espírita. Usamos como referência o texto: Senhor Adrien, Médium Vidente; publicado na Revista Espírita em janeiro de de 1859.

1 - INFLUÊNCIA DO AMBIENTE

O fenômeno mediúnicos se inicia com uma irradiação fluidica partindo do espírito e se dirigindo sobre o médium. Este absorve, por assim dizer, esses raios e os assimila. Se está só ou se é cercado de pessoas simpáticas, unidas de intenção e de pensamentos, esses raios se concentram sobre ele. Então o fenômeno tem condições de ser preciso. Se, ao contrário, há ao redor dele influências antipáticas, pensamentos divergentes e hostis, se não há recolhimento, os raios fluidicos se dispersam sendo absorvidos pelo meio ambiente. A irradiação do espírito, em lugar de se dirigir sobre um ponto único, perde sua força se disseminando. Daí uma das razões da imprecisão ou


frustração do experimento.

2 - OS FENÔMENOS NÃO SE SUBMETEM AOS PADRÕES DAS CIÊNCIAS EXATAS

Não esqueçamos que, na mediunidade, não se opera sobre a matéria inerte, mas por meio de inteligências que têm seu livre arbítrio e que não podemos, conseqüentemente, submeter ao nosso capricho, nem fazer agir à nossa vontade. Allan Kardec explica que todas as vezes que se quiser tomar as ciências exatas como ponto de partida das observações espíritas, se perderá no caminho. Por isso a ciência vulgar é incompetente nessa questão. O Espiritismo nos revela uma nova ordem de idéias, novas forças, novos elementos, fenômenos que não repousam em nada do que conhecemos.

3 - A INTENÇÃO DOS EXPERIMENTADORES INFLUI NO RESULTADO

O espírito despojado do corpo conserva toda a sua vontade e uma liberdade de



mais diversas fontes mediúnicas e apresentavam entre si perfeita concordância. Essa concordância do ensino dos espíritos faz parte da metodologia da ciência espírita. Allan Kardec e, depois dele, todos os escritores espíritas aplicaram-se a um longo e minucioso exame das comunicações de além-túmulo. Foi munido, coordenando o que estes tinham em comum, que eles acumularam os elementos de um ensino racional, que fornece satisfatória explicação de todos os

Em 1911, o holandês Zaalber Van Zelst, com o auxílio de seu amigo Matla, desenvolveu o Dinamistógrafo, seguindo orientações dos espíritos. O invento tinha como objetivo permitir a comunicação com as dimensões extrafísicas, utilizando o código morse

problemas insolúveis antes dele. Esse ensino, além de tudo, é sempre verificável, pois que a fonte donde emana é inesgotável" afirmou Léon Denis, na obra *Cristianismo e Espiritismo*.

Por definição, a ciência não cria dogmas nem se imobiliza. Não alimenta pretensão alguma quanto à infabilidade. "Posto que superior aos que o precederam, o ensino espírita é progressivo como os próprios espíritos. Ele se desenvolve e completa à medida que, com a experiência se efetua o progresso nas duas Humanidades, a da Terra e a do Espaço - Humanidades que se penetram mutuamente e das quais cada um de vós deve, alternativamente, fazer parte", esclareceu Léon Denis.

Portanto está claro o papel do médium como agente indispensável para a produção das manifestações do mundo invisível. No entanto, isso não diminui em nada a importância das pesquisas sérias sobre

transcomunicação. Poderíamos classificá-la como uma das modalidades dos fenômenos mediúnicos. Nos tempos de Kardec a transcomunicação não chegou a ser considerada porque a Humanidade ainda não tinha desenvolvido os atuais meios de comunicação. Um desenvolvimento da transcomunicação como instrumento mediúnicos poderia generalizar o acesso à observação do mundo espiritual. Quando um médium vidente enxerga uma imagem, ele não tem como compartilhar essa visão com os outros. Ficamos restritos ao seu relato. Já os registros em vídeo ou fotografia, obtidos por meio da transcomunicação, permitem a verificação e análise das imagens por todos. No mesmo sentido, os mediuns auditivos podem ouvir o timbre, a cadência e outras peculiaridades da fala do espírito comunicante. Essas características auxiliam na identificação do espírito. Também

[A INFLUÊNCIA DO MÉDIUM NOS FENÔMENOS]

pensar bem maior que quando vivo. Ele pode nos mostrar sua independência não fazendo o que queremos, ao passo que, por si mesmo, algumas vezes, faz mais do que sonhamos pedir. É por essa razão que as perguntas de comprovação de identidade ou de curiosidade são essencialmente inconvenientes aos espíritos. Sobretudo, os espíritos sérios

jamaís se prestam a isso e, em nenhum caso, querem servir como diversão. A intenção dos assistentes pode influir muito sobre a sua boa vontade em produzir fenômenos. Os bons espíritos só o fazem quando vêm um motivo sério e útil.

4 - IMPEDIMENTOS OCASIONAIS

Às considerações que precedem acrescentamos uma cuja importância será facilmente compreendida por todos aqueles que conhecem os fenômenos espíritos. Várias causas podem impedir um espírito de vir ao nosso chamado no momento em que o evocamos. Ele pode estar reencarnado ou ocupado em outra

parte. Se ele não estiver ali, pode vir em seu lugar um outro espírito igualmente simpático à pessoa que evoca. Mas se o espírito que se apresenta é sério, não enganará sobre sua identidade. Interrogado para esse efeito, ele pode explicar a causa do engano e dizer quem é.

5 - ESPÍRITOS AFINS DO MÉDIUM SÃO FATORES LIMITANTES

Um meio pouco propício prejudica ainda por uma outra causa. Cada indivíduo tem, por acompanhantes, espíritos que simpatizam com seus defeitos e suas qualidades. Quanto mais pessoas reunidas, maior será a diversidade moral e intelectual entre elas, e maiores serão as chances de aí comparecer espíritos antipáticos. Se há pessoas hostis na reunião, seja por pensamentos difamantes, seja pela leviandade de seu caráter ou por uma incredulidade sistemática, elas atraem espíritos pouco benevolentes que, freqüentemente, vêm entrar as manifestações

[A POLÊMICA ENTRE KARDEC E BRASSEUR]

Um debate caloroso sobre a utilidade do médium na transcomunicação foi relatado pela *Revista Espírita* de 1859. Allan Kardec dialoga com Brasseur por meio de sua publicação. Seu interlocutor utilizava-se de um espaço no jornal francês *Moniteur de La Toilette*.

Brasseur: - "O senhor Allan Kardec não reconhece o médium inerte. Ele fala muito de caixas, papelão ou pranchetas, mas ele não vê senão os apêndices da mão, cuja inutilidade teria sido reconhecida... Entendamo-nos. Segundo vós, o médium é um intermediário entre o mundo visível e o mundo invisível; mas, é absolutamente necessário que esse intermediário seja uma pessoa? Não basta que o invisível tenha a sua disposição um instrumento qualquer para se manifestar a nós?"

Kardec: - "A isso responderemos decididamente: Não, não basta que o invisível tenha à sua disposição um instrumento qualquer para se manifestar, porque ele necessita do concurso fluídico de uma pessoa, e é essa pessoa que, para nós, é o verdadeiro médium. Se bastasse ao espírito ter à sua disposição um instrumento qualquer, ver-se-iam cestas ou pranchetas escreverem sozinhas, o que jamais se viu. A escrita direta, que é o fato, em aparência, mais independente de toda cooperação, ela mesma não se produz se não sob a influência de médiuns dotados de uma aptidão especial. Uma consideração poderosa vem corroborar a nossa opinião. Segundo o senhor Brasseur, o instrumento é a coisa principal, a pessoa é acessória; segundo nós, é tudo ao contrário. Se fora de outro modo, por que as pranchetas não caminhariam com o primeiro que chegasse? Portanto, se é necessário, para fazê-la caminhar, estar dotado de uma aptidão especial, é porque o papel da pessoa não é puramente passivo. Por isso, essa pessoa para nós, e o verdadeiro médium; o instrumento não é, como dissemos, senão um apêndice da mão do qual se pode abster e isso é tão verdadeiro, que toda pessoa que escreve com uma prancheta pode escrever diretamente com a mão, sem prancheta e mesmo sem lápis, uma vez que pode traçar os caracteres como dedo, ao passo que a prancheta não escreve sem a pessoa. De resto, todas as variedades de médiuns, assim como seu papel ativo ou passivo, estão amplamente desenvolvidas na nossa instrução prática sobre as manifestações."

nesse caso essas observações são restritas ao médium. Nas gravações obtidas pela transcomunicação todos podem examinar a voz do espírito. São raros os médiuns psicofônicos que permitem uma alteração de seu timbre vocal ao ponto de se identificar a voz do espírito comunicante. É possível que o desenvolvimento das técnicas da transcomunicação poderia torná-la, no futuro, um instrumento viável para a ciência espírita. "A comunicação estabelecida entre os homens e os espíritos é permanente e universal; ela se acentuará cada vez mais com os progressos da Humanidade", explicou Léon Denis.

O ESPÍRITO DE GUTTEMBERG ANUNCIOU UMA REVOLUÇÃO

Encontramos na *Revista Espírita*, de abril de 1864, uma curiosa opinião do espírito do inventor do tipógrafo, o alemão Johannes Guttemberg (1397-1468), que poderia estar se referindo ao futuro surgimento da transcomunicação. A mensagem teve como médium Pierre-Gaëtan Leymarie (1827-1901), importante colaborador de Kardec. Ela foi recebida no dia 25 de fevereiro daquele ano. Guttemberg iniciou sua comunicação, a segunda lida na Sociedade de Estudos Espíritas de Paris, comentando as

dificuldades que encontrou para garantir a fidelidade de suas idéias na transmissão por meio do médium. Essas dificuldades geraram algumas imprecisões e Guttemberg pediu a Kardec que as relevasse. Em seguida, e aqui esta o trecho que nos interessa, ele comenta: "Mais tarde a eletricidade fará a sua revolução mediúnica, e como tudo será mudado na maneira de reproduzir o pensamento do espírito, não mais encontrareis essas lacunas, por vezes lamentáveis, sobretudo quando as comunicações são lidas diante de estranhos.

A eletricidade realmente fez uma revolução tecnológica impressionante. Em apenas 150 anos, o homem chegou aos atuais aparatos eletrônicos inimagináveis naquele tempo. Mas Guttemberg vai mais longe ao afirmar que "a eletricidade fará a sua revolução mediúnica. Como mediunidade, por definição, é a faculdade dos médiuns atuarem como intermediários, essa revolução estaria ligada à maneira pela qual os espíritos fariam uso do fenômeno no que tange à reprodução de seus pensamentos: "como tudo será mudado na maneira de reproduzir o pensamento do espírito". Segundo Guttemberg, essa revolução da eletricidade implicaria

numa maior fidelidade quanto ao pensamento original do espírito comunicante: "Não mais encontrareis essas lacunas, por vezes lamentáveis, sobretudo quando as comunicações são lidas diante de estranhos". É possível que sua referência aos estranhos esteja relacionada com o desconhecimento, por parte dos estranhos à doutrina espírita, das falhas naturais do médium como instrumento. Apenas o futuro confirmará a qual revolução referiu-se Guttemberg. Deixamos ao leitor a responsabilidade de apreciar a mensagem e tirar suas próprias conclusões.

A UTILIDADE DA TRANSCOMUNICAÇÃO

Ainda não sabemos se a transcomunicação serve apenas para chamar a atenção dos incrédulos ou esta destinada a se tornar um meio regular de comunicação entre os dois planos. Contudo, sabemos, com base nos princípios da doutrina espírita, que a qualidade dos resultados da pesquisa científica estão condicionados à intenção, propósitos e conduta dos pesquisadores envolvidos. É muito importante o desenvolvimento tecnológico e o aperfeiçoamento das técnicas da transcomunicação. E seu fim útil esta relacionado diretamente com o conteúdo transmitido pelos espíritos.

Para que os fenômenos da transcomunicação recebam a atenção dos espíritos superiores não basta preocupar-se somente com o aspecto experimental. A presença dos bons

espíritos depende do aproveitamento das mensagens obtidas. É bom lembrar o conselho de François Rabelais, um dos espíritos da Codificação: "Parti o osso e sugai a medula".

Está no poder consolador; na conquista das culminâncias intelectuais, o verdadeiro valor dos fenômenos. "O Espiritismo tem um lado inteiramente científico. Repousa sobre provas palpáveis, sobre fatos incontestáveis, mas são principalmente as suas conseqüências morais que interessam à grande maioria dos homens", disse Léon Denis.

Para garantir esses resultados, os experimentadores precisam respeitar as condições éticas e morais naturalmente exigidas para um fim produtivo. Necessitam lembrar que, segundo Léon Denis, "os pequeninos, os humildes, os que constituem a massa popular; nem sempre dispõem do necessário para o estudo dos fenômenos, e são precisamente esses os que têm maior necessidade de conhecer todos os seus resultados, todo o seu alcance". A pesquisadora brasileira Sônia Rinaldi mostra estar consciente dessa questão quando declara: "Tudo que eu uso é comum. Telefone, computador e software que estão disponíveis no mercado. Nada especial ou secreto. O que faz funcionar é a responsabilidade de auxiliar as pessoas a enfrentarem a dor da perda, além da determinação, o trabalho e a persistência que fazem você ter um número cada vez maior de amigos do outro lado que tornam a coisa possível".

"A ciência da Terra, mesmo tendo sido abalada pela física quântica, vai ter que se alargar muito para poder explicar a fenomenologia da transcomunicação"



[PARA SABER MAIS]



Contatos Interdimensionais

Ed. Pensamento
Sonia Rinaldi

O Desafio da Comprovação

Ed. Elevação
Sonia Rinaldi

Parapsicologia Uma visão panorâmica

Ed. Fe
Hernani Guimarães Andrade

Transcomunicação Instrumental

Ed. Fe
Karl W. Goldstein

Há quinze anos pesquisando o fenômeno da transcomunicação instrumental, SONIA RINALDI é apontada, mundialmente, como uma das maiores autoridades no assunto

Por Fernando Savaglia

Autora de seis livros sobre a transcomunicação instrumental, TCI, Sonia Rinaldi está à frente, desde 1990, da Associação Nacional dos Transcomunicadores, ANT, que hoje reúne cerca de 1.750 pessoas em todo o País. Já recebeu duas vezes o prêmio Hedi Prize de Parapsicologia, outorgado pela universidade de Berna, na Suíça, por suas pesquisas pioneiras. Nos últimos dois anos, vem se dedicando, em associação com um instituto de pesquisa norte-americano, a desenvolver duas novas técnicas de contatos com as dimensões extrafísicas.

Procurando aprofundar-se nas pesquisas e recolher uma documentação mais vasta, Sonia optou por falar apenas do aprimoramento da Transcomunicação com o aparelho telefônico. Segundo a estudiosa, esse tipo de comunicação já havia sido realizada anteriormente duas vezes no Brasil. Uma na década de 20, por Oscar D'argonell; e, mais recentemente, no Centro Espírita Lar de Frei Luís, nos anos 80. "Gravamos cerca de 250 telefonemas devidamente testemunhados por pessoas que falam com seus parentes falecidos via telefone por meio de nossa estação."

Na visão da pesquisadora, apesar da tecnologia ser imprescindível para tornar os contatos possíveis, isso não é o grande trunfo da TCI. "Tudo que eu uso é comum. Telefone, computador e *software* que estão disponíveis no mercado. Nada especial ou secreto. O que faz funcionar é a responsabilidade de auxiliar as pessoas a enfrentarem a dor da perda, além da determinação, o trabalho e a persistência que fazem você ter um número cada vez maior de amigos do outro lado que tornam a coisa possível.

ATCIE A CIÊNCIA

Com espírito científico aguçado, a pesquisadora - que, em seu grupo de trabalho, conta com o apoio de matemáticos, físicos e engenheiros, entre outros - segue no seu objetivo de autenticação do fenômeno, mantendo todos os casos detalhadamente documentados. "A esmagadora maioria da comunidade científica continua desinteressada em relação a qualquer tipo de fenomenologia paranormal. Qualquer coisa que aborde a possibilidade da sobrevivência após a morte é negada"; afirma a pesquisadora.

Sonia, no entanto, não se abate e garante. "Isso nos obriga a um trabalho muito mais controlado, muito bem documentado, buscando um número estatístico que tenha representatividade, o que acaba colaborando no nosso objetivo".

A estudiosa aponta ainda, como um dos principais motivos do preconceito da comunidade científica em relação à TCI, o medo do comprometimento acadêmico. "Existe uma pequena porcentagem de 3% a 5% dentre os acadêmicos que admitem a hipótese da sobrevivência, mas evitam comprometer a credibilidade perante seus colegas cientistas, sobrando, no final, 0,5% que se arrisca a estudar esses fenômenos.

Há três anos, Sonia recebeu a visita do físico indiano Amit Godswami, que estava interessado em conhecer um pouco mais sobre a TCI. Ele esteve aqui em casa para conhecer o fenômeno. Na época, não tínhamos desenvolvido a tecnologia dos telefonemas, nem a mais recente, mais avançada. Apesar de não ser a área de pesquisa dele, ele gostou. Hoje com certeza, com as novas técnicas, ele gostaria muito mais." Indagada sobre se o ramo da física ao qual Godswami se dedica seria suficiente para compreender a TCI, Sonia responde: "A ciência da Terra, mesmo tendo sido abalada pela física quântica, vai ter que se alargar muito para poder explicar a fenomenologia da transcomunicação".

O FATOR TEMPO

Um indício da limitação de nossa ciência para ajudar na compreensão da TCI pode estar nos diálogos gravados pela pesquisadora, neles é extremamente comum os comunicantes darem respostas antes das perguntas serem feitas. "É como se a nossa fala porventura já tivesse ocorrido e eles já soubessem o tempo da nossa pausa ou, eventualmente, o tempo corra de forma diferente para eles. Não há a menor possibilidade da nossa ciência conceituar como isso possa ocorrer", complementa Sonia.

Ao analisar as gravações, outro aspecto interessante é que, na totalidade dos casos, o comunicante demonstra manter um certo padrão emocional de tranqüilidade. "A nossa emoção é diferente da deles. Não tenho nenhum registro em que tivesse qualquer tipo de emoção mais forte da parte deles. Todas são serenas e planas. Quanto ao desenvolvimento da tecnologia da TCI, feito por equipes extrafísicas, a pesquisadora esclarece: "A equipe que trabalha conosco está em tempo integral se dedicando a esse objetivo. Hoje as transmissões são produzidas com muita qualidade. Quando eles precisam de ajustes que eu tenha de fazer para facilitar a comunicação, a informação vem e, invariavelmente, dá certo".

Com relação a outros detalhes técnicos envolvendo as transmissões, Sonia não acredita que fossem revelados mesmo que perguntasse. "Eles não podem empurrar nossa ciência para a frente, trazendo informações que mexeriam no nosso desenvolvimento natural. Seria como mexer no destino de uma pessoa.

Sonia acredita que suas novas pesquisas contribuam para a sobrevivência da consciência começar a ser debatida de maneira mais séria pela comunidade científica. "Antigamente acreditava-se até instintivamente nas coisas. A distancia é muito grande entre você acreditar e ter certeza. A partir do momento no qual que você lida com um fenômeno como lidamos, num ambiente em que você faz uma pergunta e ela é respondida com clareza, objetivamente e com precisão, você tem de admitir que alguma coisa inteligente está acontecendo. Hoje, não teria como duvidar nem se eu quisesse."

O CASO BÁRBARA

Entre as centenas de casos relacionados à TCI, Sonia destaca o que diz respeito a uma mãe que se comunicou, há pouco tempo, com sua filha Bárbara, de nove anos, falecida em janeiro de 1996. O diálogo gerou 144 respostas, sendo que, em uma delas, a menina dizia: "O cartão, confirmar! Da florzinha."

Dias depois, Sonia recebeu o cartão que, segundo Solange, a mãe da garota, é o único entre muitos que a menina lhe escreveu e que continha o desenho de uma pequena flor nele, a mensagem escrita apenas 15 dias antes da repentina morte da menina: "Mamãe, existo porque você disse sim ao chamado de Deus e cumpriu sua vocação de ser mãe, porque, se você não fizesse isso, eu não estaria viva!"

Segundo a pesquisadora, "a garota quis validar a mensagem do cartão para afirmar para a mãe que ela estava viva". Sonia diz-se muito gratificada por poder auxiliar as pessoas a superarem a dor da perda de entes queridos.

"A partir do momento no qual que você lida com um fenômeno como lidamos, num ambiente em que você faz uma pergunta e ela é respondida com clareza, objetivamente e com precisão, você tem de admitir que alguma coisa inteligente está acontecendo. Hoje, não teria como duvidar. Nem se eu quisesse"

